



DOSSIÊ

História das Gramáticas

organizado por

Diana Luz Pessoa de Barros

Ronaldo de Oliveira Batista

APRESENTAÇÃO

■ **F**eita pelos membros das sociedades nas mais variadas e dinâmicas trocas sociais, desenhando continuamente passado, presente e futuro, a História não é algo objetivamente localizado em um tempo e um espaço específicos, pois, como produto do humano, sua observação e análise e, desse modo, sua própria constituição são resultantes de perspectivas adotadas pelos historiadores na tentativa de alcançar a compreensão do que nos faz singular em momentos de nossa ação histórica e social. Os registros e as análises históricas, portanto, trazem em si a matéria bruta e complexa do desenrolar da humanidade, uma vez que refletem, e não haveria outro modo de ser, em cada interpretação, o recorte histórico e ideológico no qual o historiador se situa. Uma História que é tecida como narração sempre que é colocada em complexos locais de interpretação.

Nesse sentido, diante da complexidade própria do que se entende como *histórico*, a busca por uma compreensão do desenrolar temporal da humanidade engloba diferentes áreas e campos de observação, como a história política, a história econômica, a história cultural, a história das mentalidades, entre outras múltiplas configurações. Sendo a linguagem o traço que distingue e caracteriza nossa espécie, uma compreensão dos modos com que o homem ao longo do tempo vem entendendo o que é a nossa linguagem e o que são as nossas línguas passa a ser objeto da reflexão histórica, assim como a política, a sociedade, a cultura, a economia e outros campos do saber.

Este dossiê sobre a *História das Gramáticas* é mais uma etapa de uma longa trajetória em que, de perspectivas diferentes, estudiosos da linguagem vêm procurando estudar e analisar momentos da história do conhecimento linguístico. Ao articular Linguística e História, a história do conhecimento linguístico toma muitos caminhos, conforme variem a perspectiva histórica escolhida, as teorias linguísticas assumidas e os diferentes modos de articular os dois campos teóricos, sem contar as relações que se estabelecem ainda desses estudos com a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia, os Estudos do Discurso, entre outros. Resultam daí modos diferentes, mas complementares, de observar, analisar e interpretar a história dos estudos sobre línguas e linguagem, como, por exemplo, a *Historiografia da Linguística*, a *História das Ideias Linguísticas*, a *História das Ciências da Linguagem*, a *História das Teorias Linguísticas* e tantos outros campos.

Os estudos da história do conhecimento linguístico, de linhas diversas, conforme apontado, consideram a observação historiográfica como campo autônomo de pesquisa, que deve buscar sua configuração metodológica e firmar seu estatuto como ramo dos estudos linguísticos. Isso implica a busca por procedimentos de análise e fundamentos epistemológicos próprios que permitam à área sua existência como campo de pesquisa e ensino.

Diante dessa configuração, um número da *Todas as Letras* dedicado à *História das Gramáticas* tem explicações e justificativas de ordens diversas. Isso se deve às diferentes perspectivas dos estudos da história do conhecimento linguístico, já mencionadas, mas também à variedade de papéis e de funções das gramáticas, o que exige um estudo aprofundado de suas mudanças diacrônicas e históricas. A variedade de funções da gramática decorre dos papéis históricos, sociais e políticos que a língua exerce nas diferentes sociedades e culturas, em momentos diversos. Definida como instrumento linguístico que estabelece normas, descreve e explica usos, constrói imagens de língua e de seus usuários, cria e propaga valores, a gramática exerce os papéis históricos e sociais de contribuir para criar impérios e nações, ao construir os laços entre língua e nação, para estabelecer a relação entre a língua e a hierarquia social, na constituição e na justificação das sociedades hierarquizadas, e tem funções pedagógicas significativas. Vejamos alguns exemplos desses papéis e funções nas gramáticas do português, por exemplo.

As primeiras gramáticas do português, no século XVI, incorporaram o discurso nacionalista e colonialista da época, que estava na base da constituição de impérios e nações, contribuindo para sua elaboração e divulgação, na mesma direção do que dizia e fazia o gramático Antonio de Nebrija (1441/44?-1522), na Espanha, para quem a língua e sua unidade sustentavam o império do Senhor e a manutenção dos vassallos. As gramáticas, como instrumentos linguísticos, “unificam” e “domam” as línguas e são, portanto, necessárias para a construção e a conservação dos impérios.

No Brasil, o século XIX é o da constituição do Estado-nação brasileiro, com a instituição de um Império, em 1822, e a República, em 1889. As primeiras gramáticas brasileiras do português colocavam-se, dessa forma, no cruzamento dos discursos de construção da língua nacional, do Estado-nação brasileiro e da identidade brasileira, e, conseqüentemente, de afastamento de Portugal, a antiga metrópole.

Se, no século XIX, as gramáticas brasileiras deram sua contribuição para a constituição da língua nacional e da identidade brasileira, no século XX, as gramáticas não mais construíram laços entre língua e império ou entre língua e nação, mas assumiram outros papéis, sobretudo pedagógicos (ainda atuantes no século XXI). Sua função principal passou a ser a de ensinar a *língua*, entendida como seus usos mais prestigiosos e qualificados às camadas sociais que têm variedades de menor prestígio ou mesmo desqualificadas e “incorretas”. O fim último é conservar a “boa norma” e “salvar” a língua, “ameaçada” pelos “maus usos”. Essas gramáticas construíram e constroem relações entre a língua e a sociedade hierarquizada, e estabelecem, por meio do ensino gramatical, a ordem social. Ao criar valores, as gramáticas podem também ter papel na construção e na reprodução de preconceitos e de ações intolerantes.

A riqueza de funções e papéis das gramáticas conduz à pluralidade de perspectivas na tentativa de reconstrução, e, portanto, interpretação, de uma histó-

ria da gramática, que, a nosso ver, repetimos, são, todas elas, complementares. Há estudiosos mais interessados nas relações da língua e da gramática com a sociedade e a cultura, ou seja, mais preocupados com seus fins sociais, políticos e históricos. Outros ocupam-se, predominantemente, das questões linguísticas tratadas nas gramáticas, das mudanças no tempo dadas a esses tratamentos, dos diálogos estabelecidos entre as várias teorias gramaticais e delas com as demais teorias linguísticas, da definição de gramática como um instrumento linguístico. Outros ainda estão mais preocupados com suas funções pedagógicas e com as relações entre gramática e educação. As três direções muito genéricas apresentadas têm perspectivas teóricas e metodológicas diferentes. Algumas delas serão apresentadas nos estudos aqui reunidos.

Os textos apresentados neste dossiê oferecem, portanto, ao leitor a possibilidade de entrar em contato com momentos da história da gramática, extensa pela própria natureza do seu objeto e sua longa e ampla presença no tempo e no espaço. Em um panorama de diversidade teórica e metodológica, os artigos escritos por pesquisadores com larga experiência no estudo da história do conhecimento linguístico apresentam discussões metodológicas, estudos de caso, orientações para o tratamento de determinado material e reflexões sobre a natureza do objeto *gramática*.

Esta reunião de textos, além da importância da própria coletânea para a observação de momentos da história da gramática em diferentes tradições, também coloca em pauta outro elemento: a importância do diálogo entre os campos que tomam como objeto privilegiado de análise a história da linguística, a história da gramática, a história dos dicionários (entre outros objetos). Muito mais do que delimitação de métodos e teorias, as confluências podem e devem contribuir para que novos olhares e perspectivas antes nunca considerados permitam que diferentes instrumentos de análise vejam os objetos históricos com mais detalhe e alcance interpretativo.

SÃO APONTADAS, A SEGUIR, PERSPECTIVAS PARA A ELABORAÇÃO DE INTERPRETAÇÕES E RECONSTRUÇÕES DE MOMENTOS DA HISTÓRIA DAS GRAMÁTICAS QUE O LEITOR ENCONTRARÁ NESTE DOSSIÊ.

Carlos Assunção, da Universidade Trás-os-Montes (Portugal), em “The edition of Latin grammar of Father Manuel Álvares, Japan, 1594: brief note and bibliographical references”, estabelece e discute aspectos da gramática clássica do Pe. Manuel Álvares, impressa no Japão no século XVI. Ao lado de uma discussão sobre edição de gramáticas de uma tradição que se reconhece como a gramatização de línguas exóticas, o autor faz uma análise das referências bibliográficas da obra.

Diana Luz Pessoa de Barros, da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em “Discurso da gramática: questões de enunciação e efeitos de autoria”, examina a questão das estratégias enunciativas de pessoa no discurso das gramáticas e dos diferentes efeitos de sentido de autoria que nele produzem. Em seu estudo, as gramáticas são analisadas como discursos, e essa premissa teórico-metodológica diferencia esse tipo de abordagem de outras formas de conceber a história das ideias linguísticas, ao considerar que, para bem examinar e compreender as transformações que ocorrem no tempo, é preciso uma teoria do discurso que possa dar conta dos sentidos em sincronia e de suas

mudanças diacrônicas. Esse tipo de estudo tem acontecido principalmente na perspectiva da Análise do Discurso (AD) e da Semiótica Discursiva francesa, perspectiva que fundamenta o trabalho em questão. A partir dessas premissas, as mudanças históricas nas gramáticas, no caso da organização enunciativa e dos efeitos de sentido de autoria, são tratadas como alterações de discursos.

Maria Helena de Moura Neves, da Universidade Estadual Paulista e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em “Uma avaliação do conceito de regência e transitividade na tradição gramatical do português”, analisa a constituição de uma tradição de tratamento da regência e da transitividade, observando conceitos, relações, noções de base e a propriedade transitiva dos verbos, tendo em vista situar diferentes visões em uma perspectiva historiográfica.

Marli Quadros Leite, da Universidade de São Paulo, em “Uma gramática do século XXI”, analisa uma gramática escrita em 2001, parte de uma tradição gramatical de língua portuguesa; para tanto, considera o texto como objeto cultural, inserido em um processo histórico que determina, entre outros aspectos, elementos presentes na obra gramatical.

Pierre Swiggers, da Universidade de Leuven (Bélgica), e Nico Lioce, da Universidade de Liège e do I.V.O. Sint-Andries (Bélgica), em “Le discours grammatico-graphique dans les *Leys D'Amors*. L'ancrage sémiotique de la grammaire au Moyen Âge”, propõem uma análise do discurso gramaticográfico presente nas *Leys d'Amors*, texto do século XIV, especificamente sobre os modos de as categorias linguísticas se relacionarem com uma realidade exterior à língua.

Rogelio Ponce de Léon Romeo, da Universidade do Porto (Portugal), em “Notas sobre a *Arte de grammatica, latina, portugueza, benedictina* (Lisboa, 1636) de Frutuoso Pereira”, analisa aspectos da história da gramática no século XVII, por meio de elementos como tradição textual e autoria, ensino, gramática racionalista e gramática escolar, observando, também, o que se compreende como *arte de gramática* nos contextos abordados pelo autor.

Ronaldo de Oliveira Batista, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em “Ruptura, ironia, negação: uma obra não canônica e descontinuidades na história da gramática”, a partir de um estudo de caso da *Grammatica pelo Methodo Confuso*, escrita em 1927 por Mendes Fradique, recupera para a história gramatical brasileira uma obra que ferozmente anarquiza uma tradição gramatical, ao retratar e criticar de modo irônico os modos de tratamento da língua tais como estabelecidos pela Gramática Tradicional. Em conjunto com o estudo de caso, o autor empreende uma discussão a respeito do que se entende por continuidade e descontinuidade na história dos estudos sobre línguas e linguagem.

Sylvain Auroux, do Laboratoire d'histoire des théories linguistiques (CNRS), na França, em “La grammatisation des vernaculaires européens”, a partir da tradição greco-latina, ocupa-se do imenso movimento de gramatização das línguas vernaculares europeias, que considera único na história da humanidade. Mostra a relação desse movimento com políticas linguísticas explícitas, criadoras, de certa forma, das línguas nacionais. Em seu estudo, o autor examina, com mais detalhes, a gramatização do francês.

Em meio à leitura dos textos reunidos neste dossiê, esperamos que os leitores entrem em contato com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas de articulação entre a Linguística e a História e, que, a partir delas, compreendam que as gramáticas mudam no tempo, que o modo de conceber e explicar a língua se transforma, mas que, mesmo assim, elas asseguram sempre seus múltiplos

papéis linguísticos, pedagógicos, políticos, históricos e sociais. Construir impérios, criar identidades nacionais, descrever, explicar e regulamentar a língua e a sociedade, ensinar a falar e a escrever, há sempre muitas funções para a gramática que, com isso, se justifica e se renova continuamente. Um objeto que em sua perenidade e complexidade, reclamando múltiplos olhares que o tomam como fonte de interpretação, parece dialogar e confirmar o tempo todo a reflexão do filósofo Walter Benjamin (1892-1940), para quem o *histórico* é dinâmico e reconfigurado de modos diversos e complementares, como a própria matéria do ir e vir da História: “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

REFERÊNCIA

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 224.

Diana Luz Pessoa de Barros
Ronaldo de Oliveira Batista
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)